



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de formatura do Todos pela Alfabetização (Topa) 2009/2010 e homenagem multicultural ao Presidente da República

Salvador-BA, 10 de dezembro de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras da Bahia,
Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia,
Nossa querida Fátima Mendonça, presidente das Voluntárias Sociais [da Bahia], mas sempre a nossa querida companheira Fatinha,
Nossa querida jovem da terceira idade, que está com 104 anos, mas parece mais nova do que eu, que tenho 65,
Meu querido companheiro Waldir Pires, que já está perto da dona Canô, aí, mas disfarça a idade também. Eu não tinha nascido, já ouvia falar do Waldir Pires, e ele já deve estar beirando os 60, 70, já, também,
Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Meu querido Paulo Sérgio Passos, ministro dos Transportes,
Meu querido companheiro deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembleia Legislativa do estado da Bahia,
Senadores eleitos Lídice da Mata e companheiro Walter Pinheiro,
Deputados federais Alice Portugal, Colbert Martins, João Carlos Bacelar, João Leão, Nelson Pellegrino e Sérgio Carneiro,
Meu caro companheiro Otto Alencar, vice-governador eleito da Bahia,
Nossa querida companheira Eva Schiavon, secretária estadual da Casa Civil, uma gaúcha que foi deportada de lá para a Bahia,
Nosso querido companheiro Osvaldo Barreto, secretário estadual de Educação. Quero te parabenizar pelo Topa, querido,
Nossa companheira Elenir Alves, coordenadora do Topa,
Nossa querida companheira Josefa Rita da Silva, secretária de Políticas



Sociais dos Trabalhadores da Agricultura do estado da Bahia, Fetag [Federação dos Trabalhadores na Agricultura no estado da Bahia],

Nosso companheiro Rosival Leite da Silva, presidente da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar, Fetraf,

Nossa querida companheira Heloísa Santos da Silva, por meio de quem cumprimento todas as alunas e alunos do Topa aqui presentes,

Meus queridos companheiros e companheiras da famosa Orquestra Sinfônica Juvenil Dois de Julho. Muito prazer em conhecê-los e parabéns, porque se eu for ali reger vocês, é que vocês vão ver o quanto ainda falta para vocês aprenderem a tocar.

Bem, primeiro, uma coisa importante. Eu mandei um repórter na frente para ele entrevistar algumas pessoas... duas pessoas do programa Topa. Uma é a companheira Maria Francisca Pereira. Ela esteve, mais de meio século de vida, na escuridão do analfabetismo. As letras, para ela, não passavam de traços sem nenhum significado. Mas, há três anos, essa realidade começou a mudar. Ainda criança, dona Maria Francisca foi obrigada a trabalhar e não teve a oportunidade de ir à escola. Repetiu, assim, a história de muitos outros brasileiros esquecidos pelos governos deste nosso querido país. Ela trabalhou na roça até os 19 anos e, nesse período, em que deveria apontar o lápis para fazer o dever da escola, dona Maria Francisca amolava o fio da enxada. Em vez de encher a folha pautada de anotações, carregava feixe de lenha, catava café, torrava mandioca e transportava lata de água na cabeça. Depois ela foi trabalhar em casa de família para se sustentar. Vieram os filhos, e a sala de aula se tornou um sonho muito distante. Mas sempre há tempo para mudar a própria história quando se tem força de vontade, garra e perseverança.

É essa a lição que a estudante de 65 anos deixa para todos nós, e é com toda razão que seus quatro filhos – Renildes, com 41 anos; Renilce, que tem 40 anos; Reilton, de 39; e Renildo, de 35... se eu fosse filho dela, ela me



colocaria [o nome de] Rula, porque é tudo com “R”, aqui, os nomes dela. Os filhos dela se orgulham da mãe porque, com uma mãe como dona Maria Francisca, o que não falta a eles é exemplo bom para seguir. Hoje, depois de três anos no programa Todos pela Alfabetização, dona Maria Francisca se sente segura para andar pelas ruas de Ilhéus e de qualquer cidade. Agora ela consegue ler as placas e compreender o sentido das coisas e, sobretudo, as letras. Essa independência que ela conquistou e a possibilidade de ler a Bíblia e fazer as orações com mais entendimento são, nas palavras de dona Maria Francisca, uma bênção.

Nas minhas palavras, o compromisso com a educação de nossas crianças e jovens é uma obrigação daqueles que têm a responsabilidade de governar o nosso país.

Bênção é o fato de termos, neste país, mulheres e homens como dona Maria Francisca e também como André Costa de Souza. Wagner, “seu” André tem 65 anos e mora na aldeia tupinambá do Barro Branco, entre Ilhéus e Una. Durante a infância e a juventude ele vivia no interior de Valença e... aliás, eu recebi um pacote de colorau de Valença. Obrigado. Ele vivia no interior de Valença e a escola mais próxima ficava a 12 quilômetros. Como não havia transporte, quem quisesse estudar tinha que andar debaixo de sol quente, caminhar longo percurso em mato muito alto e ainda cruzar o rio. “Seu” André pisou numa sala de aula, pela primeira vez, aos 12 anos. Saía de casa ao raiar do sol e voltava quase à noite. Foram dois meses nesse vaivém, até que sua mãe, preocupada com a insegurança do trajeto, não deixou mais ele ir para a escola. Ele nunca se conformou de não saber ler nem escrever. Via as pessoas com o jornal aberto e tinha muita vontade de fazer... de poder fazer o mesmo e saber que o que se passava em sua cidade... e saber o que se passava em sua cidade e no país. Além disso, quando “seu” André precisava assinar um documento qualquer, dependia de alguém para ler e explicar o conteúdo. Assinava com o dedão, confiando na outra pessoa e na boa fé da outra



pessoa.

Mas, conforme ele mesmo comparou, hoje sua vida já não é mais uma embarcação sem leme. Por meio do Topa, ele foi apresentado a um outro mundo, um mundo muito mais rico e cheio de significados. Uma das professoras que o conduziu a essa nova realidade nada mais é do que a sua filha Andréa, de 28 anos, que leciona no programa Topa. Parabéns e aplausos para a Andréa, que teve paciência de educar o pai. “Seu” André já escreve cartas para os amigos em Ilhéus, em que conta a alegria de ter sido alfabetizado e lê o jornal. Aliás, dependendo do jornal que ele ler, ele não vai nem falar bem de você, viu, Wagner. E dependendo do jornal que ele ler, também ele não vai falar bem de mim, não. É só crítica, está tudo errado. Pois bem, ele lê o jornal. Aliás, ele tomou tanto gosto pela leitura, que está lendo um livro sobre a história das aldeias indígenas no Brasil.

“Seu” André continua pescando, fazendo rede, tarrafa e vendendo coco, mas agora ele faz tudo isso com muito mais consciência. Seu entusiasmo é tão grande que contagiou a esposa Alzerina, de 58 anos. Ela resolveu se inscrever no Topa e se forma no próximo ano. Eu acho que a dona Alzerina se inscreveu no Topa para que “seu” André, ao escrever uma carta, ela fique olhando se não é uma carta para uma namorada. Na verdade, ela fica fiscalizando o André e o André, portanto, tem que tomar cuidado, André.

“Seu” André aprendeu muitas palavras e, entre as centenas de palavras que hoje conhece, ele tem uma predileta. Veja só, “seu” André, tem uma predileta. É uma palavra pequena, com letras repetidas, fácil de escrever, mas que não pode faltar no vocabulário e na vida de ninguém. Essa palavra é “amar”. André, André, cuidado, André. Cuidado que a Alzerina te pega! Porque é o amor, de acordo com o “seu” André, que deu forças a ele para vencer os obstáculos do caminho.

Eu queria ler essas duas reportagens, aqui, porque elas... no fundo, no fundo, Wagner, elas me lembram a minha infância. O meu pai morreu



analfabeto, mas o meu pai trabalhava num armazém de Santos, em 1953, [19]54 e, naquele tempo, o pessoal que trabalhava no armazém, nas docas – meu pai carregava saco de café nas costas –, eles iam trabalhar, Wagner, de terno branco, gravata e chapéu. Se você se encontrasse com um cara que trabalhava no porto, naquele tempo, parecia que você estava se encontrando com um lorde inglês, de tão chique que eles iam: sapato bico fino, mais engraxado que o meu e que o teu, era uma coisa maluca! E meu pai tinha que atravessar... aqui, mais ou menos, era o Porto de Santos, e aqui era o Porto das Barcas, de Vicente de Carvalho, Itapema, que foi a terra que eu fui quando eu saí de Pernambuco. Pois o meu pai saía de Itapema todos os dias de manhã, ele chegava na Estação das barcas, ele comprava o jornal A Tribuna de Santos e ele se sentava na barca e fingia que estava lendo A Tribuna de Santos. Ele não sabia um “o”, ele não sabia ler absolutamente nada. Se o jornal não tivesse fotografia, era capaz de meu pai ir lendo de cabeça para baixo.

Eu estou contando essa história para você perceber a agonia de uma pessoa analfabeta, a agonia de uma pessoa analfabeta. Hoje eu contava para o Wagner. Lá na Granja do Torto, na casa do presidente, tem... tinha umas pessoas analfabetas quando nós chegamos, e tinha um companheiro lá que chama a Marisa de madrinha, ele era analfabeto. A Granja do Torto é aqui, ele morava aqui, aqui tinha um ponto de ônibus. Como ele não podia sair daqui para ir aqui, para pegar ônibus para ir para cá, porque ele não sabia ler o ônibus que passava, ele saía daqui, ia lá na rodoviária de Brasília, no ponto final, para pegar... - porque ele sabia onde era o lugar do ônibus - para pegar o ônibus e voltar para cá outra vez. Esse sofrimento eu vi nas palavras daquela jovem de 99,9 anos que falou ali.

Portanto, Wagner, eu quero dizer a você, meu querido companheiro, e ao seu secretário de Educação, que possivelmente a gente não tenha, em lugar nenhum do Brasil, um programa de alfabetização com o sucesso do que



você conseguiu implantar aqui na Bahia. Eu, embora não seja, no dia 1º, mais presidente da República, vou dizer, companheiro Fernando Haddad – se você continuar como ministro, que eu não sei –: você deveria passar uns três dias aqui na Bahia com o Wagner, visitando as cidades mais pobres, porque eu não acredito que a gente consiga alfabetizar os adultos deste país se a gente não contar com a cumplicidade dos prefeitos. Os prefeitos precisam participar, e você viu que esse negócio não tem esquerda e não tem direita. Isso é uma bobagem, porque o prefeito que ganhou o prêmio aqui é do PP, não é do PT, não é do PCdoB, não é do PSB. É do PP. Significa que quando a pessoa é motivada, quando a pessoa está com disposição de fazer, não importa o pensamento ideológico, porque um ser humano, quando está motivado, ele é tocado a uma ideologia chamada “coração”, chamada “paixão”, chamada “compromisso”, e ele faz. Não é uma questão ideológica.

Portanto, parabéns, Wagner, parabéns. O Programa é porreta, o Programa é porreta. Esta mulher aqui... Cadê, cadê? Esta calunga aqui, a bichinha, a bichinha não sabia ler e o primeiro discurso que ela faz é na frente do Presidente da República! É mole? Não é mole, não! Esta baixinha aqui tem “café no bule”, esta baixinha é poderosa! Imagine quando ela chegar na cidade dela: “Você sabe ler?”. “Ah, não”. “Tem que aprender, seus babacas. Eu aprendi e sabe para quem eu falei hoje, e falei grosso, na frente dele? Eu fiz o meu primeiro discurso, na vida, para o Presidente, para o Governador, e ainda, de reserva, para a dona Canô”, que está aqui. Não é mole, não.

Então, parabéns. Parabéns, companheiros, professores, educadores, professoras e todo mundo que está envolvido no Topa, porque vocês podem virar uma referência nacional de como alfabetizar adultos neste país. Parabéns, companheiro Wagner, e parabéns a todo mundo que está envolvido nesse plano [Programa].

Vocês fiquem quietos porque ainda não falei se vocês sabem tocar ou não. Olhem, companheiros, olhem, vou contar uma coisa para vocês. Hoje eu



estou brincando um pouco para não me emocionar, porque... Deixa eu contar uma coisa para vocês. Eu passei... eu perdi as eleições de [19]89, depois eu perdi as eleições de [19]94... Não, primeiro eu perdi as de [19]82, para governador de São Paulo. Depois eu perdi as de [19]89, para presidente; depois eu perdi as de [19]94, para presidente; depois eu perdi a de [19]98, para presidente. Depois, eu ganhei em 2002 e ganhei em 2006. Então, eu perdi 12 anos e ganhei oito. Significa que eu perdi mais do que eu ganhei. Qual é a compensação que eu tenho? É que não apenas nós ganhamos duas, como nós conseguimos... depois de eleger um metalúrgico sem diploma universitário para a Presidência do país, e um vice-presidente empresário sem diploma universitário, para este país, o José Alencar – que, se não estivesse no hospital, estaria aqui – e eu vamos passar para a história como a dupla de... não analfabetos, mas quase analfabetos... nós vamos passar como a turma que governou o país... nós somos os primeiros que não têm diploma universitário a sentar o pé naquele Palácio do Planalto, e nós vamos passar para a história como o presidente e o vice que mais fizeram universidades na história do país, que mais fizeram escolas técnicas na história do país.

Essa é uma revolução muito importante porque ela demonstra que a gente não pode confundir a inteligência de um ser humano com a sabedoria que ele adquire, o conhecimento específico que ele adquire numa universidade. Numa universidade ele pode ser um extraordinário cientista, um extraordinário engenheiro, um belíssimo economista, um arquiteto como o Zezéu, um advogado como o Pellegrino... Você é o quê, Wagner? Também não tirou diploma universitário. O Wagner também não tirou diploma universitário porque, quando pensou que ia estudar, se meteu a combater a ditadura militar, foi viver na clandestinidade, morou até em Ribeirão Pires, lá pertinho da minha casa – se eu soubesse, tinha dado uns cascudos nele para ele voltar a estudar e tirar o diploma dele –, e está aqui, galego... Já imaginou um cara galego, lá do Rio de Janeiro, vir para a Bahia e ser eleito no primeiro



turno aqui nas eleições, derrotar a oligarquia que governava este estado? É por isso que eu acredito em Deus. Eu acredito em Deus, dentre outras coisas, por essas coisas que acontecem, que não têm explicação sociológica, filosófica. Chico, você gostou de eu falar “sociológica”, “filosófica”? Isso porque...

Bem, então, olhem: eu, ao deixar a Presidência, Wagner, eu deixo a Presidência com a consciência tranquila de que nós fizemos muita coisa, mas que tem ainda muita coisa para fazer. Você trabalhou comigo desde o primeiro dia no governo, foi ministro em várias áreas, e eu acho que nós apenas começamos uma caminhada, uma caminhada que você, Wagner, aqui na Bahia, está desfazendo uma mentira contada para o Brasil, porque a Bahia era vendida, em São Paulo, como se fosse a orla marítima. Ah, faça uma boa avenida na beira da praia, a 500 metros da praia, pode deixar do jeito que estiver, e deixe os turistas virem aqui e saírem falando que a Bahia é maravilhosa e façam bastante propaganda da Bahia na televisão, que é tudo maravilhoso. A verdade é que você pegou o país [estado] que tem mais analfabetos no Brasil, você pegou o país [estado] que tem mais pobres, mais analfabetos... Hein? o estado, no país. Você pegou um estado em que os pobres eram deserdados. Este estado aqui é o estado que tem mais Bolsa Família e você sabe que precisa mais ainda porque tem muita gente pobre, e você resolveu colocar os pobres no tabuleiro da política baiana. Sem menosprezar ninguém, sem menosprezar ninguém, você disse: “Olhe, eu sou o governo de todos. Eu tenho olhar para todos, mas o meu olhar principal é para aqueles que eu preciso estender a mão, é para aqueles que precisam mais do estado, é para aqueles que precisam da ajuda do estado”, porque o estado não pode existir para servir os senhores que sempre se serviram do estado.

Portanto, nós... Wagner, eu vou continuar na vida política, meu filho. Eu não tenho como fazer outra coisa, a não ser política, e agora muito mais à vontade porque quando eu chegar aqui na Bahia, certamente eu vou bater palmas numa certa casa, sem compromisso, sem seguranças, sem protocolo,



sem cerimonial para encher o... sabe? Sozinho, como nos velhos tempos. Eu vou poder tomar um negocinho qualquer – não vou dizer o que é – sem preocupação com a imprensa, sem preocupação com fotografia. Vamos conversar mais livremente, sem preocupação com as palavras, e vou voltar a andar pelo Brasil, por duas coisas. A primeira coisa que eu tenho que fazer, Wagner, é desencarnar, eu tenho que “desencarnar” da Presidência. Oito anos, Waldir, oito anos é pouco para quem está no governo, é muito para quem está na oposição. Para mim foi nada. Quando eu comecei a gostar, pronto: venceu o meu mandato.

Bem, então eu preciso “desencarnar” para poder tirar de mim todas as coisas... porque esse negócio de ex-presidente começar a dar palpite, pode prejudicar quem está na Presidência. Então, eu quero “desencarnar”, eu quero voltar o mais perto possível da normalidade que um ser humano pode voltar, para depois começar a viajar o Brasil, para depois pensar o que fazer, para depois saber... quem sabe, até entrar em orquestra para tocar um bichão desses aí que faz “fom, fom, fom”, aquele ali. Como é que se chama isso aí, meu companheiro? “Tuba”. Tuba. Lula tocando tuba. Rimou.

Então, eu, Wagner, sou agradecido, agradecido pelo carinho que o povo brasileiro tem comigo, pelo carinho que o povo da Bahia tem comigo; agradecido pelo fato de o povo da Bahia ter te reelegido pela segunda vez no primeiro turno; agradecido pelo povo da Bahia ter elegido a Dilma Rousseff presidenta da República. E dizer para vocês que valeu a pena. Valeu a pena governar este país porque eu provei uma coisa: não é difícil governar este país quando a gente sabe de que lado a gente está, quando a gente sabe quais são as prioridades, quando a gente sabe para quem a gente quer governar.

Então, para mim, não foi difícil. Para mim foi gostoso fazer as coisas que eu pude fazer, e fiz com alma, com coração, com paixão. E, certamente, eu não acredito que nenhum ser humano possa governar uma casa, possa governar uma cidade, possa governar um estado ou um país se ele não tiver



paixão, se ele não tiver alma, porque a gente não governa apenas com a sabedoria da cabeça, a gente governa muito com a sabedoria do coração: onde ele bate é que toca a gente.

Então, gente, eu quero repartir a homenagem que vocês me fizeram com o meu companheiro galego, que é um companheiro de muito antes de eu ser... muito antes de eu ser do PT e ele do PP, a gente já era companheiro, e posso dizer para vocês, sem medo de errar: a Bahia elegeu o que tem de melhor, a Bahia elegeu o que tem de melhor. Se tem uma coisa que vocês podem ter certeza é de que este galego jamais vai contar uma mentira para vocês. Se bem eu conheço ele, ele prefere perder um amigo contando a verdade, do que ganhar um amigo contando uma mentira, porque ele sabe que mentira tem perna curta e que a gente não pode mentir para o povo que elegeu a gente.

Eu peço a Deus, Wagner, que te dê a sabedoria que te deu no primeiro mandato, para que você continue governando a Bahia com alma, com paixão, com o coração, com a ajuda de Fátima – obviamente que com a ajuda de Fátima –, com a bênção de dona Canô, com a ajuda de todos os companheiros deputados, senadores, com a experiência do companheiro Waldir Pires e com muita música da Orquestra Juvenil Dois de Julho, que está há três anos aprendendo a tocar e ainda não tocou. O maestro nem barba tem, ainda. Pelo que eu vi, o maestro nem barba tem, como é que vocês podem saber tocar? De qualquer forma, como eu estou com os dois ouvidos entupidos, eu ouvi um barulho, que eu achei que era razoável.

Gente, um grande abraço, que Deus abençoe cada um de vocês, que Deus abençoe o governo e que Deus abençoe o povo da Bahia.

Um abraço.

(\$211A)